

## EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Poucas profissões ou atividades são tão fascinantes quanto o magistério. O magistério supõe a capacidade de influenciar as pessoas a verem, ouvirem e sentirem a beleza da vida. Ser professor significa plantar na sociedade a semente de mudança para um mundo sempre melhor.

Sabiam os professores de ontem, sabem os professores de hoje e saberão os de amanhã, que a profissão docente é um dos pilares básicos que sustentam a sociedade, pois todas as demais profissões se fazem e se constituem a partir dela. Ser professor é viver contínuas emoções. É enfrentar a cada dia um novo desafio. É beneficiar a cada aluno com uma lição. É fazer de cada plano uma proposta de crescimento. Ser professor é perseverar diante de incontáveis desafios, é ter nas mãos a possibilidade de libertar e aprisionar os sujeitos do saber.

Educar quase parece – na verdade é – própria dos obstinados. Educador, em latim *educātor, ōris*, significa “o que cria, nutre, diretor, pedagogo”. A palavra professor vem de “professar”, que, além de lecionar, significa “declarar publicamente uma convicção ou um compromisso de conduta”, como a de uma profissão. Não por acaso, as duas têm a mesma raiz.

Assim, os mestres são profissionais dignos da maior valorização, primeiro exatamente por serem mestres. E, também, por seu exacerbado compromisso com maiúsculas exigências de trabalho, numa atividade que impõe a contínua exposição de convicções.

Eny Emília Dias da Silveira nasceu, em 23 de junho de 1933, predestinada ao magistério. Nascida em Rio Grande, foi em Porto Alegre, entretanto, que viveu e atuou.

Vocacionada para ser professora, cursou a Escola Normal e formou-se pelo Instituto de Educação General Flores da Cunha, logo passando a lecionar na Escola Primária do Bairro Passo das Pedras. Desejosa de melhor se qualificar profissionalmente, Eny continuou seus estudos, orientada, de início, para o Curso de Pedagogia, cujo primeiro ano chegou a cursar. Infelizmente, não pode concluí-lo, por ter sido acometida por um AVC, aos 39 anos de idade, que lhe determinou uma longa internação hospitalar e deixou importantes sequelas.

O pior foi a recomendação médica para que se aposentasse, o que lhe causou profunda e comovente tristeza. Preocupava-se, então, e mostrava-se inconformada, mais com a possibilidade de se afastar de seus alunos do que com a gravidade de sua doença.

Determinada, como sempre foi, a reverter essa situação, submeteu-se a um ano de fisioterapia diária e, com muita luta e garra, terminou por surpreender a todos e retornar ao ensino. Aquilo, sim, era felicidade...

Não se contentava em ser boa professora: queria ser a melhor. Durante 38 anos Eny Emília exerceu o magistério, dedicando-se às turmas de alfabetização, sendo, inclusive, criadora, juntamente com outras colegas, de uma “Cartilha do Marcelo, Vera e Faísca”, que foi usada com sucesso em inúmeras escolas do Estado.

Extremamente dedicada a seus alunos, gastava muitas horas de seu tempo de lazer, especialmente à noite, nos períodos de Páscoa – preparando, com a ajuda dos filhos, cestas e coelhos, em que colocava ovinhos – e de Natal – fazendo Papais Noéis que anexava a algum brinquedo que dava às crianças de suas turmas. Ganhava pouco, o salário era de professora, mas os alunos eram carentes. Contentava-se em ver a alegria das crianças ao receberem seus presentes. Seus quatro filhos sempre entenderam essa postura altruísta da mãe.

Certa ocasião, quando explodiu uma fábrica de fogos existente na rua onde residia, estando ela na Escola, mesmo desesperada, ao pensar em como estariam seus filhos

pequenos, em casa, permaneceu com os alunos, acalmndo-os, até que os aflitos pais chegassem para buscá-los. Pode-se imaginar o quanto isso lhe foi difícil.

A vida de Eny Emília, apesar de tudo, foi uma vida simples. Foi casada com Erothides da Silveira, também Professor, dedicado à Matemática, com ele tendo quatro filhos, que encaminhou e educou, tendo a felicidade de vê-los criados e bem encaminhados na vida: Eduardo é Pediatra, Heloísa e Heraldo são dentistas, e Evandro é biólogo e Procurador da Justiça do Estado. Do mesmo modo como foi mãe extremosa, viveu a vida de avó com muito amor e doação aos cinco netos amados, quatro meninas e um menino.

Filha de família humilde, sendo o pai ferroviário e a mãe modista, Eny Emília lutava muito pelo próprio desenvolvimento e entendia o problema dos menos favorecidos da sorte, aos quais sempre procurou ajudar. Atuou como catequista na Paróquia São Geraldo, durante os derradeiros anos de sua vida, sempre reconhecida como grande mestra e amiga.

Além disso, buscou sempre incentivar as novas gerações para o bem e o bom, assim como para o justo e o perfeito, deixando aos novos um legado de amor e de grandeza humanas.

Esses são os motivos que entendo capazes de justificar que um logradouro de Porto Alegre venha a receber o saudoso nome de Eny Emília Dias da Silveira.

Sala das Sessões, 10 de junho de 2013.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL

**PROJETO DE LEI**

**Denomina Rua Professora Eny da Silveira o logradouro público cadastrado conhecido como Rua Seis – Loteamento Jardim Dona Leopoldina II.**

**Art. 1º** Fica denominado Rua Professora Eny da Silveira o logradouro público cadastrado conhecido como Rua Seis – Loteamento Jardim Dona Leopoldina II –, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio 1994, e alterações posteriores.

**Parágrafo único.** As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Brilhante alfabetizadora.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.